



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor

Marco Antonio Zago

Vice-reitor

Vahan Agopyan



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretora

Valéria De Marco

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente

Rubens Ricupero

Vice-presidente

Carlos Alberto Barbosa Dantas

Carlos Alberto Ferreira Martins

Maria Angela Faggin Pereira Leite

Mayana Zatz

Tânia Tomé Martins de Castro

Valéria De Marco

Editora-assistente

Carla Fernanda Fontana

Chefe Tc. Div. Editorial

Cristiane Silvestrin



CENTRO
IBERO-AMERICANO

CENTRO IBERO-AMERICANO – CÂTEDRA JOSÉ BONIFÁCIO

Comitê Científico

Maria Hermínia Tavares de Almeida (IRI)

Pedro Bohomoletz de Albreu Dallari (IRI)

Rudinei Toneto Junior (Feap)

Valéria De Marco (FRICH)

Hernan Chaimovich (IQ)

Coordenador

Pedro Bohomoletz de Albreu Dallari

Secretário executivo

Gerson Damiani

FELIPE GONZÁLEZ (COORDENAÇÃO)

GOVERNANÇA E DEMOCRACIA REPRESENTATIVA

Organização

Gerson Damiani

José Fernández-Albertos



e a relevante participação do Banco Santander no suporte financeiro conferido ao programa, aos quais devem ser prestadas homenagens, dado o indiscutível êxito deste empreendimento acadêmico.

Felipe González Márquez é dono de uma trajetória admirável. Nascido em 1942 em Sevilha, advogado de formação, destacou-se pela condução da sociedade espanhola em um de seus momentos mais delicados, de superação da estrutura social e política do regime franquista para a edificação de uma sociedade democrática e moderna, plenamente integrada à Europa e com presença destacada no mundo. Que figure, agora, em seu currículo, a indicação da titularidade da Cátedra José Bonifácio é fato que honra sobremaneira a comunidade da usf, devedora dos melhores agradecimentos pela inestimável colaboração propiciada por este seu catedrático. Como essa qualificação se torna perpétua — costuma-se dizer que a Cátedra José Bonifácio não tem ex-catedráticos, mas antigos catedráticos —, a usf se empenhará pela continuidade da presença de Felipe González em seu meio, inclusive para que auxilie no desenvolvimento das futuras atividades da cátedra, assim como vem ocorrendo com seus antecessores.

E esse auxílio veio já na definição da personalidade que o sucederá à frente da cátedra. Da mesma forma que o convite formulado a ele pela usf resultou da indicação e do apoio dos catedráticos anteriores, coube a Felipe González papel relevante na escolha do nome da celebrada socióloga, política e diplomata mexicana Beatriz Paredes, e, conseqüentemente, na configuração do perfil que, sob a tutela da nova catedrática, a Cátedra José Bonifácio terá em 2017. Fica assegurado, assim, com o concurso de sua colaboração, o prosseguimento do extraordinário trabalho que realizou.

Felipe González, o reformador

MARIA HERMÍNIA TAVARES DE ALMEIDA¹

Entre os anos de 1970 e 1990, regimes democráticos foram substituindo formas diversas de autoritarismo, fenômeno político que alguns chamaram de terceira onda de democratização, movimento originado no sul da Europa que varreu as longevas ditaduras em Portugal, Grécia e Espanha; cresceu pela América Latina; chegou ao sudeste da Ásia e terminou disseminando-se pelo vasto território do chamado socialismo real.

Felipe González, ex-presidente do governo da Espanha, pertence a uma notável geração de líderes progressistas que emergiram daquela gigantesca onda e conduziram seus países, por caminhos estreitos, do autoritarismo para a democracia plenamente consolidada. Ao fazê-lo, redefiniram as agendas de seus partidos, a política de seus países e as próprias feições dos sistemas democráticos contemporâneos.

Transições são processos envoltos em incertezas e requerem capacidade de projetar o futuro, firmeza de convicções, coragem moral — e, muitas vezes, física —, além de muita flexibilidade e disposição para negociar. Tran-

1. É professora titular aposentada do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DCCP-FRUCSP) e do Instituto de Relações Internacionais (IRI), ambos da Universidade de São Paulo (USP), além de pesquisadora sênior do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). Possui graduação em ciências sociais e doutorado em ciência política pela usf, além de pós-doutorados pelo Center of Latin American Studies (Clas) da University of California, Berkeley. Foi *visiting scholar* pelo Institute of Latin American Studies (Ilas) da School of Advanced Study da University of London e do King's College da University of London. Foi *tinker professor* da Stanford University e professora visitante da Université de Montréal e do Instituto Ortega y Gasset, Espanha. Suas áreas de especialização são políticas públicas, opinião pública e política externa.

sições não são obras de missionários, mas de políticos imbuídos da ética da responsabilidade. Felipe González é certamente um grande exemplo dessa geração de notáveis construtores de democracias e grandes reformadores.

Felipe González Márquez formou-se em direito pela Universidad de Sevilla, sua cidade natal. Durante a ditadura franquista, filiou-se às juventudes socialistas em 1962 e, dois anos depois, ao Partido Socialista Obrero Español (PSOE). Em aula inaugural para estudantes do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP), Felipe González, ao referir-se à Cátedra José Bonifácio, que assumiu em 2016, observou que nosso patriarca foi um reformador. Pois bem, a carreira política de González foi construída sob o signo da renovação, da reforma transformadora e progressista, a começar por seu partido. Em 1972, participou no processo de revisão das posições dos socialistas espanhóis, o qual se cristalizaria, depois de uma divergência interna ocorrida no PSOE renovado, que tratava de se libertar da camisa de força da ortodoxia marxista. Dois anos depois, foi eleito primeiro-secretário da organização, posto no qual permaneceu até 1997. Nesse período, conduziu e consolidou a transformação do PSOE em partido autenticamente social-democrata e reformista, comprometido com a garantia das liberdades públicas, com a economia de mercado e com políticas de bem-estar social.

Com o fim da ditadura franquista, em 1975, e a realização das primeiras eleições democráticas, González tornou-se deputado às Cortes e líder do maior partido de oposição aos governos da Unión de Centro Democrático (UCD), presididos por Adolfo Suárez e Leopoldo Calvo-Sotelo. Conduziu seu partido à vitória nas eleições de 1982, assumindo a presidência do Conselho de Ministros, cargo que na Espanha parlamentarista corresponde ao de primeiro-ministro. Sucessivamente reeleito, governou por treze anos, o mais longo mandato da história da Espanha e da Europa Ocidental.

Assim, não é exagero dizer que Felipe González moldou a Espanha democrática, liderando um processo de modernização econômica, social e política. No plano interno, reformou e expandiu o sistema de proteção social universal, promoveu reformas econômicas liberalizantes e modernizadoras, renovou a infraestrutura e possibilitou o avanço de uma série de novos direitos, que incluiu o aborto legal. No plano externo, colocou

seu país na Europa, conduzindo-o para dentro da Comunidade Econômica Europeia (CEE), em 1986, e tornando a Espanha sócia-fundadora da União Europeia (UE), mais tarde.

Ao sair do governo, Felipe González desempenhou funções de relevo no plano internacional. Presidiu a comissão encarregada de atualizar a Declaração de Princípios da Internacional Socialista, de 1951, resultando em nova declaração aprovada em Estocolmo, em 1989. Desse debate, por ele organizado, participaram também intelectuais e líderes progressistas latino-americanos, que desempenharam papéis importantes na consolidação da democracia em seus países.

Em 1996, por delegação do xx Congresso da Internacional Socialista, tornou-se presidente da Comissão Progresso Global, com o objetivo de definir uma agenda inovadora para enfrentar os desafios contemporâneos. Em dezembro de 2007, os chefes de Estado e de governo da UE, reunidos no Conselho da Europa, destinaram a Felipe González a tarefa de presidir o Grupo de Reflexão sobre o Futuro da Europa, também chamado Conselho de Sábios, composto de nove personalidades de projeção internacional. Pensar o presente de olho nos futuros possíveis parece ter se tornado a segunda profissão do presidente reformador.

Vale destacar também seus bem antigos laços políticos e pessoais com a América Latina. Laços que se materializaram em apoio ativo aos processos de democratização no continente, em especial, aos de pacificação na América Central. Mais recentemente, tornaram-se conhecidas suas iniciativas de defesa do líder político Leopoldo López e de outros perseguidos políticos, bem como seus esforços para ajudar na busca de soluções negociadas para a crise venezuelana.

Ao preparar esta apresentação, consultei uma amiga espanhola que trabalhou com o presidente González, e pedi-lhe que me contasse algo que pudesse retratar a medida de seu estilo de liderança. Ela contou-me uma história à primeira vista insólita. Felipe González, que, como líder de oposição, havia feito campanha pela retirada da Espanha da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), ao assumir o governo decidiu não levar adiante o prometido plebiscito sobre o tema, por considerar que recusar-se a aderir e retirar-se da aliança não eram a mesma coisa. Assim,

Levava em conta as consequências que poderiam advir da desconfiança dos aliados da CFE, à qual a Espanha acabara de aderir; tal como o momento especialmente delicado das relações Leste-Oeste. Essa atitude corajosa, que o indispôs com muitos de seus apoiadores, revelou o líder capaz de ver o quadro de maneira mais ampla e colocar os interesses do país acima de considerações partidárias, virtude que, como bem sabemos, é hoje um bem muito escasso.

Por tudo isso, é um privilégio ter o presidente Felipe González conosco, em um momento particularmente delicado da vida do país, quando coragem, grandeza, serenidade e disposição ao diálogo são características raras. Aprender com sua experiência, discutir com ele futuros possíveis para as democracias contemporâneas é muito enriquecedor, e divulgar o resultado é uma contribuição importante de nossa universidade para o país, que precisa olhar para além da névoa da crise e da crispação política.

Governança, poder e democracia representativa

GURSON DAMIANI¹ • JOSÉ FERNÁNDEZ-ALBERTOS²

Governança e democracia caracterizam o *Leitfaden* do argumento, fruto originário da dedicação, ensinamento e brilhantismo de Felipe González à frente da Cátedra José Bonifácio da Universidade de São Paulo (usp) – liderada em edições anteriores por Ricardo Lagos (2013), Enrique Iglesias (2014) e Néida Piñon (2015) –, resultando nesta coletânea singular, obra-referência do espaço ibero-americano que a cinge.

A cátedra, através da contribuição de ilustres personalidades, homens e mulheres de grande reconhecimento público, visa gerar e disseminar conhecimento sobre o espaço que consagra: a Ibero-América. Dessarte, a aqui referida Cátedra José Bonifácio integra a experiência de lideranças sociais aos processos educacionais e de pesquisa, próprios do ambiente

1. Jurista e internacionalista; secretário executivo do Centro Ibero-americano (Ciba), coordenador científico da Cátedra José Bonifácio e assessor internacional da Universidade de São Paulo (usp). Atua nas seguintes áreas: governança e cooperação, comércio exterior, resolução de conflitos e arbitragem internacional. Bacharel pela Hamilton College de Nova York, com especialização na Fondation Nationale des Sciences Politiques e na Université Paris-Sorbonne; mestre pela Humboldt Universität zu Berlin e Freie Universität Berlin; doutor e pós-doutor pela usp, com capacitação em direito internacional privado pela King's College London.

2. Doutor em ciências políticas pela Harvard University, Estados Unidos, mestre e membro-doutor pelo Centro de Estudos Avanzados em Ciências Sociais do Instituto Juan March, e licenciado em ciências políticas e da administração pela Universidad Complutense de Madrid (ucm), Espanha. Atualmente, desenvolve suas pesquisas na intersecção entre as áreas de economia política comparada, economia política internacional e política comparada.